

## Guião de Entrevista

### Coordenadora da Escola

Entrevistado:

Hora de início: \_\_\_\_\_

Hora do final: \_\_\_\_\_

*Objectivos gerais:*

- Compreender a percepção da coordenadora da escola sobre as Provas de Aferição do 4º ano de escolaridade;
- Compreender os significados que a mesma atribui à avaliação interna (em sala de aula), à avaliação externa (Provas de Aferição), à relação entre ambas e a forma como a escola, enquanto instituição, lida com esta “tensão”;
- Perceber que estratégias são adoptadas pela escola, face aos resultados dos alunos, tendo em vista a melhoria da qualidade do ensino, da aprendizagem e da melhoria da qualidade da própria escola enquanto instituição.

BLOCO	OBJECTIVOS	TÓPICOS DAS QUESTÕES	OBSERVAÇÕES
A. <b>Legitimação da entrevista</b>	<ul style="list-style-type: none"><li>✓ Informar o entrevistado sobre os objectivos da entrevista.</li><li>✓ Garantir a confidencialidade da informação.</li><li>✓ Solicitar permissão para gravar a entrevista.</li></ul>	<ol style="list-style-type: none"><li>1. Referir os objectivos do trabalho</li><li>2. Agradecer a colaboração e a disponibilidade</li><li>3. Sublinhar a importância da participação do entrevistado para o sucesso do trabalho</li><li>4. Assegurar a confidencialidade das informações prestadas</li><li>5. Solicitar permissão para gravar a entrevista</li></ol>	

<p><b>B.</b> <b>Aspectos gerais</b></p>	<p>✓ Compreender a percepção da directora da escola/coordenadora do 4º ano em relação às Provas de Aferição do 4º ano de escolaridade.</p>	<p>6. Qual a sua opinião sobre as Provas de Aferição do 4º ano de escolaridade?</p> <p>7. Considera as Provas de Aferição um referencial fiável acerca qualidade do ensino e da aprendizagem?</p>	
<p><b>C.</b> <b>Aspectos positivos</b></p>	<p>✓ Conhecer os aspectos positivos das Provas de Aferição do 4º ano de escolaridade.</p>	<p>8. Que aspectos positivos/vantagens reconhece na aplicação das Provas de Aferição?</p> <p>9. Que mais-valias trazem as Provas de Aferição para o sistema educativo?</p>	
<p><b>D.</b> <b>Dificuldades e Mudanças</b></p>	<p>✓ Perceber alguns dos aspectos negativos/limitações das Provas de Aferição</p>	<p>10. Na sua óptica, que limitações ou desvantagens reconhece nas Provas de Aferição, no que concerne às aprendizagens e resultados dos alunos?</p> <p>11. Considera que as Provas de Aferição trouxeram alguma contribuição menos positiva para a escola enquanto instituição?</p>	
<p><b>E.</b> <b>Relação/ Tensão entre avaliação interna e avaliação externa</b></p>	<p>✓ Conhecer as concepções do entrevistado relativamente à avaliação interna, avaliação externa e as suas relações.</p>	<p>12. <i>Avaliação Interna e Avaliação Externa das Aprendizagens</i> são práticas inerentes ao sistema educativo português. O que pensa sobre cada uma delas?</p> <p>13. Entre ambos os tipos de avaliação, qual considera mais importante?</p>	
<p><b>F.</b> <b>Mobilização dos resultados dos alunos nas Provas de Aferição</b></p>	<p>✓ Conhecer a opinião do entrevistado relativamente às estratégias de análise e de mobilização dos resultados dos alunos nas Provas de Aferição do 4º ano, para a</p>	<p>14. Após a realização das provas de aferição e o retorno dos resultados dos alunos, é definida alguma estratégia de análise dos resultados tendo em vista a melhoria das aprendizagens e/ou a melhoria da escola enquanto instituição?</p>	

<b>do 4º ano</b>	melhoria das aprendizagens e da escola enquanto instituição.	<b>15.</b> Ao nível do Agrupamento onde esta escola se insere, é feito algum trabalho de preparação para as provas? E após a sua realização?  <b>16.</b> Na sua opinião, como é que os professores encaram os resultados dos alunos nas Provas de Aferição, face aos resultados que apresentam no contexto da avaliação interna?	
<b>G. Sugestões</b>	✓ Conhecer sugestões para uma possível melhoria/ajustamento das Provas de Aferição	<b>17.</b> Enquanto coordenadora de uma escola do 1º Ciclo, e tendo por base a sua experiência enquanto professora, que sugestões apresentaria, no sentido de melhorar as Provas de Aferição, de um modo geral?	

## Transcrição de Entrevista – Coordenadora da Escola

**Início** – 14:05

**Fim** – 14:17

**Entrevistadora** – Estamos a 12 de Maio de 2011, a entrevista inicia-se às 14:05 e a entrevistada é a Coordenadora da escola. Boa tarde professora, em primeiro lugar muito obrigada pela sua disponibilidade para responder a esta entrevista. O objectivo desta entrevista é tentar compreender a percepção de um elemento de coordenação da escola em relação às provas de aferição do 4º ano de escolaridade, compreender os significados que atribui à avaliação interna e avaliação externa e perceber que estratégias são adoptadas pela escola face aos resultados dos alunos, tendo em vista a melhoria da qualidade do ensino.

Em primeiro lugar, gostaria de saber a sua opinião em relação às provas de aferição, de uma forma geral.

**Coordenadora** – [Longo silêncio] A minha opinião sobre as provas de aferição...bem, primeiro há que saber o que são provas de aferição, o que é que elas fazem...então...a minha opinião... acho que sim, acho que devem ser feitas as provas de aferição para aferir a qualidade do ensino a nível nacional...

**Entrevistadora** – Então, considera este instrumento que é a prova de aferição um referencial viável acerca da qualidade do ensino que é praticado nas salas de aulas, nas escolas? Acha que as provas espelham o que os alunos sabem e a capacidade dos professores?

**Coordenadora** – Não, aí tinha de se estar o ano inteiro a fazer as provas de aferição e não só neste momento pontual. Se a avaliação é contínua... [Pausa longa].

**Entrevistadora** – Falando agora dos possíveis aspectos positivos ou vantagens das provas de aferição, reconhece à partida alguma mais-valia tanto para a escola, como para os alunos?

**Coordenadora** – As provas de aferição visam aferir os resultados a nível nacional...depois vai-se do macro para o micro, analisam-se as escolas... Nós, professores, não avaliamos uma

criança através de uma prova, mas sim através de um conjunto de coisas...e a prova de aferição é só uma... [Pausa] ...que por vezes não vai ao encontro do que nós fazemos na sala de aula, são problemas completamente diferentes... ou temos nós, professores, de mudar, ou quem faz as provas, o GAVE, tem de mudar... [Pausa] ...ou então articular tudo... tudo junto, fazer vários tipos de exercícios que é o que os professores fazem, pegam em provas antigas e praticam com os alunos. Por exemplo, os manuais não têm nada a ver com aquilo que é pedido nas provas de aferição. Não têm nada a ver com a resolução de problemas e os exercícios das provas de aferição.

**Entrevistadora** – Então acha que existe uma disparidade entre aquilo que é feito no quotidiano das salas de aula, e o que é pedido nas provas de aferição?

**Coordenadora** – Eu acho... não é assim uma grande disparidade, porque se o aluno sabe, ele sabe aplicar, não é? Agora, falando desta prova de aferição deste ano [Prova de aferição de Matemática de 2011, realizada na véspera], acho que é muito complicada para estas crianças. Principalmente a prova de Matemática, porque estou mais dentro da área da Matemática, sou supervisora. Já vi várias provas antigas, fiz esta prova e agora vou ter as reuniões com o GAVE com os meus formadores.

**Entrevistadora** – À partida, acha que os resultados que vão surgir desta prova de Matemática não vão ser os mais satisfatórios?

**Coordenadora** – [Longa pausa] Aí já vamos entrar noutra problema... na parte da classificação e dos critérios das provas de aferição... Obrigar os professores a ir classificá-las... [Pausa]

**Entrevistadora** – Muito bem. Já falámos de possíveis vantagens inerentes à prova. Que limitações ou desvantagens reconhece nas provas de aferição?

**Coordenadora** – O stress que a criança pode sentir... pela organização da sala, por estarem dois professores, por não perceber o que é que está a acontecer, por ter de estar calado, não poder sair quando acaba... Eu fui às salas de aula, principalmente para acalmar uma criança com água e açúcar... conclusão: a prova daquela criança não vai ser grande coisa de certeza...

**Entrevistadora** – Deixando de parte a aprendizagem dos alunos e a função da prova de aferir o que o aluno sabe, para a escola enquanto instituição, que diferenças nota? Houve alteração no clima da escola, surgiram rotinas diferentes?

**Coordenadora** – Não...não.

**Entrevistadora** – A prova está relacionada com a avaliação externa das aprendizagens dos alunos. No 1º Ciclo, o mais frequente é a utilização da avaliação interna. O que pensa sobre estes dois tipos de avaliação? Qual considera mais importante?

**Coordenadora** – [Longa pausa] Acho mais importante a avaliação interna, feita na escola. Talvez no 2º Ciclo a prova devesse contar, como se fosse uma prova global... agora no 1º Ciclo não, eles são muito pequeninos para perceberem isso... ainda os ia stressar muito mais. E estamos a falar dos nossos alunos, desta escola...

**Entrevistadora** – Em relação à mobilização dos resultados dos alunos, após a realização da prova e o retorno dos dados à escola, é definida alguma estratégia prévia? Há algum plano delineado, não só ao nível da escola, como de agrupamento, em relação aos resultados das provas?

**Coordenadora** – Bem, os resultados os professores dizem-nos na sala de aula aos alunos... Nós não temos acesso às perguntas nem aos resultados mesmo, dos itens em particular... nós temos o resultado global, por isso não temos que reunir para aferir esse tipo de problema... na escola, se os alunos todos errarem numa pergunta de uma prova de avaliação, ou a maioria dos alunos errar, sabemos que foi falha nossa... logo vamos retirar essa pergunta e trabalhar melhor essa matéria. Agora nas provas de aferição nós não temos esse feedback, temos o feedback dos resultados gerais, da letra que a criança teve... por isso só o GAVE é que faz essa análise.

**Entrevistadora** – O agrupamento faz algum tipo de análise comparativa das escolas?

**Coordenadora** – Faz, isso faz. Isso é nas reuniões do 1º Ciclo, divulgam-se os resultados que todas as escolas tiveram, tanto a Língua Portuguesa como a Matemática.

**Entrevistadora** – Na sua opinião, como é que acha que os professores encaram todo este processo inerente às provas? Consegue perceber se os professores estão à espera de resultados positivos ou negativos por parte dos alunos?

**Coordenadora** – Eu acho que é sempre uma incógnita... [Pausa]... por tudo.

**Entrevistadora** – Devido à sua experiência enquanto coordenadora de uma escola do 1º Ciclo, que sugestões apresentaria no sentido de melhorar as provas de aferição, de um modo geral?

**Coordenadora** – Os manuais... Começar logo por exercícios parecidos com os da prova, que não diferem muito de ano para ano... mantêm-se sempre os mesmos moldes... os alunos ficavam mais habituados se esses exercícios estivessem nos manuais. Pode-se perfeitamente fazer isso desde o 1º ano de escolaridade e levar esta ideia até ao 4º ano, e não fazer só a preparação no 3º e no 4º, devia-se começar desde o 1º ano. Se isto já está mesmo incorporado no sistema educativo, devia-se mesmo começar a mudar os manuais, por exemplo, já que nós somos obrigados a ter os manuais, que por mim não tínhamos manuais, mas pronto... Se calhar uma parceria entre as editoras e o GAVE, sei lá...

**Entrevistadora** – Terminámos a nossa entrevista. Professora, uma vez mais, muito obrigada pela sua disponibilidade e colaboração.

## Guião da Entrevista

### Professores do 1º Ciclo do Ensino Básico

Entrevistado:

Hora de início: \_\_\_\_\_

Hora do final: \_\_\_\_\_

*Objectivos gerais:*

- Compreender o modo como os professores reflectem sobre as suas práticas de ensino e de avaliação em sala de aula, face à aplicação das Provas de Aferição do 4º ano de escolaridade;
- Compreender os significados que os mesmos atribuem à avaliação interna (em sala de aula), à avaliação externa (Provas de Aferição), à relação entre ambas e de que forma planeiam, articulam e desenvolvem as actividades de ensino de acordo com as mesmas;
- Identificar aspectos gerais relevantes relativamente à avaliação das aprendizagens.

BLOCO	OBJECTIVOS	TÓPICOS DAS QUESTÕES	OBSERVAÇÕES
A. <b>Legitimação da entrevista</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Informar o entrevistado sobre os objectivos da entrevista.</li> <li>✓ Garantir a confidencialidade da informação.</li> <li>✓ Motivar o entrevistado para a entrevista.</li> <li>✓ Solicitar permissão para gravar a entrevista.</li> </ul>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Referir os objectivos do trabalho</li> <li>2. Agradecer a colaboração e a disponibilidade</li> <li>3. Sublinhar a importância da participação do entrevistado para o sucesso do trabalho</li> <li>4. Assegurar a confidencialidade das informações prestadas</li> <li>5. Solicitar permissão para gravar a entrevista</li> </ol>	

<p><b>B.</b> <b>Aspectos gerais</b></p>	<p>✓ Compreender a percepção dos professores relativamente às Provas de Aferição do 4º ano de escolaridade.</p>	<p><b>6.</b> Na sua opinião, qual o principal papel das provas de Aferição do 4º ano de escolaridade?</p> <p><b>7.</b> Considera as Provas de Aferição um referencial fiável acerca qualidade do ensino e da aprendizagem em sala de aula?</p>	
<p><b>C.</b> <b>Aspectos positivos</b></p>	<p>✓ Conhecer os aspectos positivos das Provas de Aferição do 4º ano de escolaridade.</p>	<p><b>8.</b> Que aspectos positivos/vantagens reconhece na aplicação das Provas de Aferição?</p> <p><b>9.</b> Que mais-valias trazem as Provas de Aferição para o sistema educativo?</p>	
<p><b>D.</b> <b>Dificuldades e Mudanças</b></p>	<p>✓ Perceber alguns dos entraves ao desenvolvimento das actividades de ensino, por parte do professor.</p>	<p><b>10.</b> Em que medida o seu trabalho está orientado para que os seus alunos respondam bem às provas?</p> <p><b>11.</b> Procedeu a alguma alteração nas suas práticas para dar resposta às Provas de Aferição?</p>	

<p><b>E.</b> <b>Relação/</b> <b>Tensão entre</b> <b>avaliação</b> <b>interna e</b> <b>avaliação</b> <b>externa</b></p>	<p>✓ Conhecer as concepções do entrevistado relativamente à avaliação interna, avaliação externa e as suas relações.</p> <p>✓ Conhecer a opinião do entrevistado relativamente às estratégias e instrumentos que lhe parecem mais indicadas no que concerne à avaliação das aprendizagens.</p>	<p><b>12.</b> Entre avaliação interna e avaliação externa, qual considera mais importante?</p> <p><b>13.</b> De que forma planeia, articula e desenvolve as actividades de ensino, à medida que se aproxima a aplicação das Provas de Aferição?</p> <p><b>14.</b> Considera que as questões e conteúdos das Provas são consistentes com as práticas reais das escolas?</p> <p><b>15.</b> Que tipo de impactos as Provas de Aferição desencadeiam nas escolas?</p> <p><b>16.</b> Qual a sua opinião relativamente ao facto dos resultados dos alunos nas Provas de Aferição não influenciarem a sua avaliação interna?</p> <p><b>17.</b> Como encara os resultados dos alunos nas Provas de Aferição, face aos resultados que apresentam no contexto da avaliação interna?</p>	
<p><b>F.</b> <b>Sugestões</b></p>	<p>✓ Conhecer sugestões para uma possível melhoria/ajustamento das Provas de Aferição</p>	<p><b>18.</b> Que sugestões daria no sentido de melhorar as Provas de Aferição, de um modo geral?</p>	

## Transcrição de Entrevista – Professora A

**Início** – 14:05

**Fim** – 14:19

**Entrevistadora** – Estamos no dia 11 de Abril de 2011, a entrevista inicia-se às 14:05 e a entrevistada é a Professora A. Boa tarde professora, em primeiro lugar muito obrigada pela sua disponibilidade para responder a esta entrevista. Primeiramente, gostaria de lhe perguntar quantos anos de serviço tem, para que conste na sua caracterização a realizar no trabalho teórico.

**Professora A** – Tenho 18 anos de serviço.

**Entrevistadora** – Muito bem. O objectivo desta entrevista é tentar perceber ou escutar os professores em relação à sua opinião sobre as provas de aferição, de um modo geral, e perceber de que forma as mesmas marcam a “vida” da escola e do quotidiano do ensino e da própria avaliação interna, realizada em sala de aula. A primeira pergunta que eu gostaria de lhe colocar é: Na sua opinião, qual o principal papel desempenhado pelas provas de aferição?

**Professora A** – É assim, muito sinceramente, as provas vieram destabilizar todo o nosso processo de ensino-aprendizagem. Vieram destabilizar na altura em que são, em que são...realizadas...hum...o espírito e o empenho dos alunos...porque é uma aflição para eles, eles estão a viver sob um stress descomunal, porque eles não percebem para o que é que a prova serve. Se nós dizemos para eles se acalmarem e para não terem problemas, que a prova não vai influenciar em nada a passagem de ano, a transição, então eles não se interessam, não se motivam. Então, temos que dizer que a prova é importante, que conta para a avaliação deles. Como é uma prova feita a nível nacional, eles pensam realmente que dependem dela para a sua transição...

**Entrevistadora** – Portanto, não têm noção que a prova não tem efeitos de transição do ano escolar...

**Professora A** – Exactamente. Hum...nós tentamos aligeirar tudo aquilo que lhes dizemos, dizemos-lhes que vamos conseguir, e é uma agitação brutal dentro da sala, não se consegue trabalhar em condições com eles. Quando fazemos as provas de treino, “é porque vem mais uma prova”, é muito chato, entre aspas, é uma chatice. Se não fazemos, eles ficam na expectativa: “Então por que é que não fazemos?”. Eles não percebem que todos os exercícios que fazemos na sala de aula são um treino e são feitos em função da prova. Não conseguem ainda entender essa concretização. E depois, ao nível dos quartos anos, nota-se realmente uma destabilização e, principalmente com a Matemática, agora com o novo programa. Vem tudo junto.

**Entrevistadora** – E considera a Prova de aferição um referencial viável acerca da qualidade do ensino e da aprendizagem realizados em sala de aula?

**Professora A** – Não. Tal como todos os testes e provas sumativas, são momentos que acontecem e, muitas vezes, até os melhores alunos têm notas mais fracas porque estão sob pressão. Assim é impensável.

**Entrevistadora** – Agora, abordando os possíveis aspectos positivos que as provas possam apresentar, reconhece alguma vantagem ou vantagens na aplicação das mesmas?

**Professora A** – Sim, reconheço. A nível nacional, temos que ser muito mais cumpridores do programa que é administrado, hum, e sabemos que a nível nacional todos nós cumprimos os mínimos, que esses pelo menos têm de ser cumpridos. Agora, talvez não seja a melhor maneira de avaliar o nosso trabalho através de um momento de intervenção dos alunos.

**Entrevistadora** – Muito bem. Portanto, já falou um pouco sobre isto, mas em que medida o seu trabalho está orientado para que os alunos respondam bem nas provas ou tenham sucesso nas mesmas, digamos assim?

**Professora A** – Muito sinceramente, o meu trabalho é orientado desde o início do ano, quando pego numa turma desde o 1º ano e a levo até ao 4º, independentemente se vêm aí provas ou não, ou se é um 1º, 2º, 3º ou 4º ano. É-me indiferente.

**Entrevistadora** – Portanto, as provas não são um condicionante às suas práticas?

**Professora A** – Não, nem pensar nisso. Hum..., claro que nesta altura do ano, nós fazemos todas as provas de treino, e os alunos são...e os encarregados de educação, os pais são orientados para a compra de um livro onde estão as provas de treino, para que não seja uma surpresa realmente, quando eles chegarem à sala no dia da prova. Fazemos todo o procedimento habitual do dia da prova, para que não seja depois um choque para eles. Obviamente fazemos isso. Agora, condicionar a minha prestação e a minha prática dentro da sala de aula nem pensar nisso, até porque os resultados que daí advêm não vão ser significativos para o aluno, e eu realmente faço a minha avaliação através daquilo que o aluno consegue fazer durante todo o ano.

**Entrevistadora** – Portanto, já falámos das possíveis vantagens das provas. Tem presente alguma desvantagem ou desvantagens que consiga identificar?

**Professora A** – Tem a ver com os resultados. Vai ser super desmotivante, os bons alunos que têm trabalhado todos estes anos e que naquele momento em que sair a pauta, vão ver que “A”, “B” ou “C”, que até não são tão bons alunos como eles, conseguiram possivelmente um melhor resultado.

**Entrevistadora** – Portanto, prevê essa tensão à partida...

**Professora A** – Sim. Todos os anos tem sido assim. E depois é extremamente complicado trabalhar com esses alunos no último período, porque dizem “Para quê? Trabalhei este tempo todo para ter uma nota baixa...”

**Entrevistadora** – Então é notória a desmotivação...

**Professora A** – Sim, é uma desmotivação brutal. E até para os próprios encarregados de educação, porque têm uma expectativa muito elevada, porque no resto do ano, os alunos têm conseguido mostrar que de facto são bons, e depois quando vêm lá a nota, enfim...É muito decepcionante para os pais...

**Entrevistadora** – Portanto, é uma constatação do que tem vindo a acontecer nos últimos anos, devido à sua experiência...?

**Professora A** – É mesmo uma constatação. Até quando as provas eram feitas em escolas que eram escolhidas aleatoriamente, por amostragem, já isso se notava, quanto mais agora, que é mesmo em todas as escolas, em que eles vão comparar. Na escola onde nós estamos... não é a competição, mas é uma das melhores escolas a nível do Agrupamento, sem dúvida. A nº 3, onde eu estava anteriormente, é sempre considerada uma das piores e, no entanto, acontece muitas vezes nessa escola os alunos que são, vá lá, piores que os nossos, terem notas superiores. Depois, a nível do Agrupamento, esse estudo é feito e acaba por ser do conhecimento dos pais.

**Entrevistadora** – Portanto, há um trabalho a nível do agrupamento, no sentido de analisar os resultados?

**Professora A** – Exacto. Todas as escolas se reúnem para fazerem comparações, para ver o que falhou, o que é que não falhou, o que é que se pode melhorar. Só que depois nós temos encarregados de educação que fazem parte da associação, e esses estudos também são do seu conhecimento, pronto, e é muito frustrante para os pais, para os alunos principalmente, e para nós.

**Entrevistadora** – Portanto, já depreendi, pelo que disse anteriormente, que dá mais importância à avaliação interna. Mas de qualquer forma, entre a avaliação interna e avaliação externa das aprendizagens, qual é a que realmente considera mais importante?

**Professora A** – É de facto a avaliação interna, sem dúvida. É todo um trabalho que é desenvolvido aqui dentro, e muitas vezes, muitos bons alunos até na parte oral, são bastante melhores...lá está, é a tensão, nós próprias já passámos por isso...eu até posso saber tudo o que me é pedido, e estou de tal forma nervosa que não consigo...e pronto, e quando isso acontece aos nossos alunos, nós temos sempre a possibilidade de os chamar e, oralmente, tirar qualquer dúvida que tenhamos sobre a sua avaliação, o que não vai acontecer nesta avaliação externa.

**Entrevistadora** – Então, devido à aproximação das provas de aferição, e estamos nesse momento, em que falta realmente pouco tempo para a sua aplicação, de que forma é que planeia, articula e desenvolve as actividades, tendo em conta esse acontecimento?

**Professora A** – Hum...eu cumpro a minha planificação normal, como qualquer professor. E depois é um bocado à parte que nós fazemos o “treino” para as provas, porque se um aluno (isto é o que eu digo aos meus alunos), se um aluno conseguir atingir, hum..., as competências que são estipuladas dentro do programa e que são postas em prática, facilmente depois atingem um bom resultado na prova de aferição...pronto...e eles têm visto, mesmo a nível da Língua Portuguesa, com o PNEP, e com o novo programa de Matemática eles também lá conseguem chegar, com um bocadinho mais de dificuldade. Hum, agora têm é que, acima de tudo, se concentrar, e parar com a agitação que tem sido notória neste período.

**Entrevistadora** – Considera que as questões e conteúdos que são veiculados nas provas de aferição são consistentes com as práticas das escolas e dos professores em sala de aula?

**Professora A** – Nem sempre. Nem sempre, porque há aquelas questões, que depois de se passar a prova, e nós depois vamos fazer a correcção com os nossos alunos, e eles dizem às vezes: “Oh professora, aquela era uma rasteira”, e eles sabem...às vezes há questões em que há só um aluno na turma que acerta num conteúdo que foi trabalhado durante o ano inteiro, porque a maneira como foi colocada a questão é de maneira diferente ao que eles estão habituados, e nem se apercebem do que é pedido. Eles percebem que: “Ok, isto deve ter a ver com aquilo. Mas como é que eu respondo agora?”. E depois: “Oh professora, isto é aquilo, não é?”, ao que nós respondemos: “Pára, pensa...”. Às vezes basta isto para eles lá chegarem e como no dia da prova, logicamente, não pode haver esta interacção, muitos deles perdem-se.

**Entrevistadora** – Do que tem presenciado ao longo dos seus anos de experiência, que tipo de impactos reais é que as provas de aferição desencadeiam, não só na sala de aula, mas na escola em si?

**Professora A** – É toda uma agitação. É uma agitação, é um nervosismo latente. Os próprios professores acabam por estar mais nervosos do que os alunos, e isso depois é transmitido a todos, porque no fundo, sabemos que é uma avaliação nossa, acima de tudo. Mas também não queremos estar a dizer isso aos alunos, a passar-lhes essa responsabilidade. Hum..., portanto, nós andamos aos “saltinhos” aqui fora e “Deus queira que eles não se esqueçam daquilo”, e pensamos “Aquele aluno tinha dificuldades nisto, ele fartou-se de batalhar, vamos ver se ele

consegue”. Até as assistentes operacionais, que no fundo são um bocadinho mães deles, também estão numa ansiedade brutal. São os pais, que estão lá fora à espera, portanto tudo isso desencadeia uma reacção em cadeia, digamos assim.

**Entrevistadora** – Sabendo que os resultados dos alunos nas provas não contam para a sua progressão e avaliação interna, qual é a sua opinião em relação a esta questão? Acha que os resultados deveriam influenciar directamente a avaliação interna dos alunos ou considera que assim é mais correcto?

**Professora A** – Não, eu julgo que se fizesse como se fez há uns anos atrás as provas globais, que eram feitas não a nível de escola, mas a nível de agrupamento, e assim nós já tínhamos uma noção, uma amostragem da realidade, da nossa realidade, dos nossos alunos. A nível nacional, deveria arranjar-se uma maneira de conseguir confirmar que os programas são cumpridos, de outra forma que não passasse pelos alunos.

**Entrevistadora** – Uma outra forma de monitorização?

**Professora A** – Exactamente. Nem que viesse um inspector, um fiscal, que viessem às salas, que vissem sumários, que assistissem a aulas, tudo bem, não temos problema nenhum. Pelo menos eu não... agora, colocar os alunos numa situação de avaliação ao professor, não passa por eles, acho impensável para os alunos. E depois a nível nacional, as provas deveriam ser adaptadas à realidade da vivência dos alunos.

**Entrevistadora** – Portanto, acha que deveria haver uma adequação das provas a nível regional?

**Professora A** – Exactamente. Deveriam ser ajustadas, porque há termos, por exemplo, ao fazer uma questão, que são característicos do sul do país e nós não utilizamos e que os nossos alunos aqui do centro não compreendem o que querem dizer, e o mesmo se passará com os alunos do norte. Tem que ser adaptado, obrigatoriamente, e depois é assim: um momento de prova, com alunos de 9, 10 anos, não é o espelho do que eles realmente sabem, é impensável, e também não são o espelho daquilo que o professor lhes transmitiu durante todo o ano.

**Entrevistadora** – Vamos então agora passar à última questão da entrevista. Se tivesse essa oportunidade, que sugestões proporia no sentido de melhorar as provas de aferição, de um modo geral?

**Professora A** – Era exactamente o facto de não serem feitas a nível nacional, mas sim a nível regional...já não digo a nível de mega-agrupamento, mas a nível regional, por que não? Ou distrital, sei lá...porque lá está, o que referi antes, as realidades e as vivências são completamente diferentes, embora os programas sejam cumpridos, a maneira como eles são cumpridos e até trazer a realidade exterior para dentro da sala de aula vai influenciar todo o processo de ensino-aprendizagem.

**Entrevistadora** – Muito bem. Muito obrigada, professora, pela sua disponibilidade e atenção.

**Professora A** – De nada.

## Transcrição de Entrevista – Professora B

**Início** – 14:30

**Fim** – 14:45

**Entrevistadora** – Estamos a 12 de Abril de 2011, a entrevista inicia-se às 14:30 e a entrevistada é a Professora B. Boa tarde professora, em primeiro lugar muito obrigada pela sua disponibilidade para responder a esta entrevista. De um modo geral, o objectivo desta entrevista prende-se com uma tentativa de compreender o modo como os professores desenvolvem as suas práticas de ensino e de avaliação em sala de aula, face à aplicação das provas de aferição do 4º ano de escolaridade. Esta entrevista está a ser gravada e quero frisar a total confidencialidade das informações aqui prestadas. A primeira pergunta que eu gostaria de lhe colocar é: Na sua opinião, de uma forma geral, qual o principal papel desempenhado pelas provas de aferição?

**Professora B** – Aferir, sei lá, a nível nacional, para termos uma noção, não é, de como podemos comparar resultados, através das provas de aferição, e comparar as escolas. É como aqui, no nosso agrupamento...temos grandes disparidades entre as escolas e nas fichas de avaliação isso por vezes não se revela, porque cada uma faz as suas tendo em conta as suas turmas...as provas de aferição vão mostrar precisamente isso...cria-se uma certa homogeneidade...a prova de aferição é só uma a nível nacional e aí sim podemos comparar resultados.

**Entrevistadora** – Considera que a prova de aferição em si é um referencial fiável acerca da qualidade do ensino e da aprendizagem em contexto sala de aula? [Silêncio] Acha que a escola espelha o trabalho que o professor desempenha ao longo do ano na sala de aula?

**Professora B** – [Silêncio prolongado] Pois... [Risos]... é complicado, mas sim, acho que...para já, as provas de aferição dão exigência, são exigentes. Eu acho que...portanto...acho que sim, acho que se o professor trabalhar ao longo do ano com os alunos e conseguir realizar as competências e tudo o mais, os alunos vão conseguir realizar a prova de aferição, portanto acho que sim.

**Entrevistadora** – Muito bem. Falando agora sobre os possíveis aspectos positivos ou vantagens das provas de aferição, reconhece algum à partida?

**Professora B** – Sim, sim. Primeiro eu acho o nível de exigência muito bom, acho que tem exercícios exigentes...hum...já antes desta história do novo programa de Matemática, já as provas tinham situações problemáticas, pronto...hum...eu acho que sim, que faz-lhes bem, faz-lhes bem criar este tipo de... sei lá, de sentimento, de os alunos terem uma prova.. Acho bom já prepará-los para isso já no 4º ano, porque ao longo do restante percurso escolar já vão ter estas situações, portanto, faz-lhes bem... faz-lhes bem... mas pronto, também há aspectos negativos.

**Entrevistadora** – Sim, daqui a pouco iremos abordar essa questão. Falando, de uma forma geral, do sistema educativo em si, reconhece alguma mais-valia que as provas possam trazer?

**Professora B** – Mais-valias para o sistema educativo... [Pausa] ...Sim, pode haver um recurso aos bons resultados, que espelhe o bom trabalho dos professores, o bom trabalho das escolas, pode-se reflectir sobre isso...mas agora assim, vantagens para o sistema educativo... não vejo... só se for aferir, assim, os resultados, onde é que estamos, onde é que os alunos estão, o que é que sabem, o que é que não sabem... talvez por aí seja importante... agora não estou a ver assim... e o trabalho também se faz com eles [alunos] para a prova de aferição... é tudo muito estimulante, e é estimulante trabalhar para um objectivo, e também os estimula a eles.

**Entrevistadora** – Falando agora sobre as dificuldades e mudanças que estas provas trouxeram às escolas e às salas de aula, em que medida é que o seu trabalho está orientado para que os alunos tenham sucesso ou respondam bem às provas? Fez alguma alteração no seu estilo de abordagem aos conteúdos e actividades em função da prova?

**Professora B** – Sim, tento ter mais cuidado na leitura dos enunciados, porque eles erram muito por aí, na interpretação dos enunciados. Pego muito por aí... aparece, por exemplo, “as opções”, eles perdem-se um bocadinho aí, são pequenas coisas. Quando aparece para escolher “opções”, por vezes só escolhem uma, logo aí erram. Hum... também tenho o cuidado de ler os critérios da prova, porque eu fui correctora no ano passado e então estou à

vontade com os critérios, porque são muito exigentes. Eles dão um erro ali, corta-lhes logo pontos... então leio e explico os critérios, por exemplo “Se vocês derem x erros aqui, já ficam com poucos pontos”, tenho cuidado com isso. Mesmo na construção do texto, explico o que é que eles precisam de ter, quais são os critérios para um bom texto.

**Entrevistadora** – Já falámos sobre os aspectos positivos que reconhece nas provas de aferição. Consegue expor algum aspecto negativo ou aspectos negativos associados às provas?

**Professora B** – À partida os alunos sabem que as provas não contam para nada. Eu reforço sempre que podem não contar directamente, mas para mim, para a minha avaliação, contam sempre. Tenho que dizer isso, porque os pais dizem-lhes que a prova não conta. Acho que isso é um aspecto negativo.

**Entrevistadora** – Passando agora para uma análise sobre a avaliação interna, a avaliação externa e os papéis que desempenham, qual é a que considera mais importante?

**Professora B** – A avaliação interna, sem dúvida. Os alunos, naquele momento da prova, podem não fazer nada de jeito, enquanto que nós, durante o ano, apercebemo-nos muito melhor das capacidades dos alunos, na interacção diária em sala de aula. Acho que a prova não consegue abarcar esse conhecimento. Eu tenho a certeza que tenho excelentes alunos que se vão “estampar” na prova, por causa da pressão que eles vão sentir nesse dia, eles já estão super nervosos e temos que ter isso em conta. Isso vai influenciar de certeza os resultados.

**Entrevistadora** – Já falou um pouco sobre esta questão, mas agora referindo esta questão mais especificamente, de que forma planeia, articula e desenvolve as actividades de ensino, à medida que se vão aproximando as provas de aferição?

**Professora B** – Este ano foi um bocadinho complicado por causa do novo programa de Matemática, porque andamos um bocadinho “apertados” para conseguir cumprir todos os conteúdos até às provas de aferição. Tem sido uma correria... mas pronto, até ao fim do 1º período trabalhámos normalmente. No 2º período, fui intercalando as provas de aferição, fomos fazendo alguns exercícios que fui retirando das provas dos anos anteriores e agora estamos a trabalhar diariamente em função das provas.

**Entrevistadora** – De uma forma geral, considera as questões e os conteúdos presentes nas provas consistentes com as práticas reais dos professores em sala de aula?

**Professora B** – Sim, sim. Eu acho que as provas são bem feitas... acho que têm exigência, e agora ainda se nota mais com o novo programa de Matemática, nota-se uma maior consistência entre o que se faz na sala de aula e a prova. Os exercícios exigem um outro nível de raciocínio, e pode-se chegar à resposta através de desenhos, esquemas, podem-se usar várias estratégias. A Língua Portuguesa nós preparamo-nos de maneira diferente...hum... a prova tem várias perguntas com “cruzinhas”, escolhas múltiplas, pronto... agora a prova de Matemática gosto mais.

**Entrevistadora** – Muito bem. Do que tem presenciado na escola durante este ano lectivo, que tipo de impactos é que as provas têm causado, não só na sua sala de aula, mas na escola em si?

**Professora B** – É assim, por enquanto não houve assim nada de... também vamos ter reunião sobre as provas de aferição amanhã... então só amanhã é que vamos ficar a saber mais pormenores.

**Entrevistadora** – Nota alguma tensão, agitação nas turmas, na escola, ...?

**Professora B** – Ah sim, sem dúvida, e os professores também. Ainda agora tivemos reunião do grupo da Matemática e estávamos a discutir precisamente isso, estamos muito pressionados, principalmente a Matemática, para trabalhar todos os conteúdos, porque há conteúdos que devíamos dar mais para o fim do ano, mas por causa da prova temos que antecipar tudo. Então sentimos muita pressão, é verdade, posso mesmo dizer que nas últimas semanas é só Matemática, Matemática... e os próprios alunos dizem que já estão cansados e eu entendo isso. Os alunos já acusam algum cansaço.

**Entrevistadora** – Sabendo que os resultados das provas de aferição não influenciam directamente a avaliação interna dos alunos, o que é que pensa sobre isso? Acha que os resultados deveriam ter uma influência directa na avaliação interna dos alunos ou concorda com este modelo, digamos assim?

**Professora B** – Acho que deviam influenciar, sem dúvida, para eles sentirem que estiveram e estão a trabalhar... acho que devia contar para alguma coisa, porque estarem a fazer uma coisa que sabem, à partida, que não vai contar para nada, é um factor de desmotivação.

**Entrevistadora** – Neste momento, faz alguma previsão ou como é que espera encarar os resultados dos alunos nas provas de aferição?

**Professora B** – Eu espero excelentes notas, dos meus excelentes alunos... lá está, há aquele factor “nervos” que os vai paralisar um pouco, mas espero ter bons resultados, tanto a Língua Portuguesa como a Matemática, porque já temos vindo a aplicar fichas de avaliação de acordo com os novos programas, e essas fichas já são muito idênticas às provas de aferição. Alguns exercícios vamos mesmo buscar a provas antigas. No ano passado tive também um 4º ano, numa outra escola deste agrupamento. Os alunos eram muito “fraquinhos” e espelharam as suas dificuldades nas provas de aferição. Como esta turma é bastante melhor ao nível de competências adquiridas, espero que isso se revele nos resultados.

**Entrevistadora** – Muito bem. Passando para a última questão da nossa entrevista, se pudesse, que sugestões daria no sentido de melhorar as provas de aferição, de uma forma geral?

**Professora B** – [Longo silêncio] Não estou a ver, assim... A não ser o facto de as provas não influenciarem a avaliação dos alunos... [Pausa] Bem, já há algumas alterações, eu tenho alunos de Educação Especial que vão ter adequações na prova e tudo mais. Mas não estou a ver assim sugestões...

**Entrevistadora** – Então, de uma forma geral, acha que os moldes em que se apresentam as provas, as suas características, são satisfatórias?

**Professora B** – Eles questionam muitas vezes porque é que não há prova de aferição de Estudo do Meio. Perguntam-me: “Então se o Estudo do Meio é tão importante como a Língua Portuguesa e a Matemática (como nós costumamos dizer), porque é que não tem uma prova?”

**Entrevistadora** – Então acha que devia haver também uma prova de Estudo do Meio?

**Professora B** – Não sei, talvez... também, par a aferir os resultados, os conhecimentos, talvez, quem sabe... Será que o Estudo do Meio é menos importante que Matemática e Língua Portuguesa?

**Entrevistadora** – Professora, muito obrigada pelo seu tempo e disponibilidade para responder a esta entrevista.

**Professora B** – Obrigada eu.

## Transcrição de Entrevista – Professora C

**Início** – 14:10

**Fim** – 14:28

**Entrevistadora** – Estamos no dia 12 de Abril de 2011, a entrevista inicia-se às 14:10 e a entrevistada é a Professora C. Boa tarde professora, em primeiro lugar muito obrigada pela sua disponibilidade para responder a esta entrevista. O objectivo desta entrevista é tentar compreender o modo como os professores desenvolvem as suas práticas de ensino e de avaliação em sala de aula, tendo em conta a aplicação das provas de aferição do 4º ano de escolaridade. Esta entrevista está a ser gravada e quero frisar a total confidencialidade das informações aqui prestadas. A primeira pergunta que eu gostaria de lhe colocar é: Na sua opinião, qual o principal papel desempenhado pelas provas de aferição?

**Professora C** – Bom, eu acho que o essencial das provas de aferição...primeiro acho que tem uma conotação muito pesada para os alunos, pelo que tenho visto. É a primeira vez que tenho um 4º ano, assim de uma forma mais directa. No estágio também tive, mas é claro que não é a mesma coisa. Acho que toda a história que envolve as provas de aferição assusta os alunos...o papel principal das provas de aferição acaba por ser o de fazer um balanço sobre os conteúdos adquiridos pelos alunos, das competências adquiridas...e depois acaba por ser um bocadinho distorcido da realidade, porque os alunos estão muito pressionados...muitos deles não têm maturidade para perceber a finalidade das provas de aferição...são pressionados pela escola, são pressionados pelos pais, e a verdadeira finalidade das provas, que é retirar daí as competências adquiridas, acaba por ser um bocadinho distorcida por causa da pressão que eles sofrem.

**Entrevistadora** – De uma forma geral, considera a prova de aferição um referencial fiável acerca da qualidade do ensino e da aprendizagem em contexto sala de aula?

**Professora C** – Pois...as provas de aferição têm duas vertentes: tem a vertente de conteúdo, de Língua Portuguesa e de Matemática, que são os conceitos adquiridos pelos alunos, e depois há outra parte em que as pessoas têm um bocadinho o hábito de pegar nos resultados das provas para avaliar o desempenho dos professores. Hum...por aí, é claro que nós não

podemos concordar e também não posso concordar totalmente com o resultado que os alunos têm nas provas, porque numa avaliação contínua que é feita durante o ano, nós vemos que os alunos do 4º ano têm uma avaliação muito mais positiva do que aquela que mostra as provas de aferição...não é? Isso tem a ver com factores externos e nós não podemos fazer nada contra isso. Em relação à avaliação dos professores, não sei muito bem no que é que se podem basear, porque nós fazemos imenso trabalho dentro da sala de aula que não é visto, que não é avaliado, não é valorizado, e não podemos estar a dizer que uma turma que tem excelentes resultados nas provas de aferição é, de forma contínua e ao longo do ano, uma excelente turma na prática. Nesse sentido, não sei até que ponto é fiável olhar para os resultados da prova de uma forma estanque: “Ok, os alunos tiveram resultados fracos nas provas de aferição, então, são uma turma fraca”. Acho que isso não está correcto, não é representativo do que os alunos são capazes.

**Entrevistadora** – Muito bem. Falando agora sobre os possíveis aspectos positivos ou vantagens das provas de aferição, reconhece algum à partida?

**Professora C** – Um aspecto positivo que lembro agora...acho que é bom para os alunos esta preparação, tendo em conta um novo ciclo que vem a seguir, porque o grau de exigência que é apresentado no 5º e no 6º ano, e daí em diante, é muito maior do que no 1º Ciclo. Pronto, e acho que serve como preparação, porque depois têm as provas globais, têm mais provas de aferição no 6º ano, depois os exames nacionais...portanto, acho que serve para isso mesmo, é uma preparação a nível de exigência...mas, vantagens assim...mais vantagens, eu não reconheço que haja, não.

**Entrevistadora** – Falando, de uma forma geral, do sistema educativo em si, reconhece alguma mais-valia que as provas possam trazer?

**Professora C** – Não...não. Acho que a forma como são aplicadas...nós, nós fazemos avaliação formativa, fazemos avaliação sumativa e essas avaliações, nas reuniões intercalares que temos, nas reuniões de conselho docente, nós damos a conhecer ao corpo docente, nós damos a conhecer à escola, fica no processo individual do aluno e acho que, mais do que qualquer prova de aferição que eles possam fazer, os resultados que eles mostram nas fichas de avaliação são resultados genuínos, é aquilo que eles sabem fazer. Agora, com estes novos programas, com as coisas que vão aparecendo, nós podemos dizer que estão mais bem

preparados agora do que estavam há três ou quatro anos atrás, sem dúvida...mas não podemos generalizar, nem podemos pegar por aí.

**Entrevistadora** – Agora falando sobre as dificuldades e mudanças que estas provas trouxeram às escolas e às salas de aula, em que medida é que o seu trabalho está orientado para que os alunos tenham sucesso ou respondam bem às provas?

**Professora C** – Não posso dizer que comecei desde o início do ano, logo em Setembro, a preocupar-me com as provas de aferição. Comecei primeiro a preocupar-me com as aquisições que eles já traziam do 3º ano, para depois desenvolver, a partir daí, o meu trabalho. O que tem acontecido agora é, depois da aquisição que eles fizeram dos livros e exemplares das provas de aferição, para treinar em sala de aula...hum...é tentar motivá-los para aquele dia. É prepará-los para aquele dia, para aquilo que vai acontecer, porque eles estão ainda um bocadinho perdidos, não sabem ainda para que é que serve, por que é que afinal têm que fazer uma prova de aferição, pronto...mas no seguimento do trabalho todo que tem sido feito na sala de aula, tanto ao nível do novo programa de Matemática, como nas novas formas de trabalhar a Língua Portuguesa, inclusivamente com as formações do PNEP, nós temos desenvolvido um trabalho que vai no sentido de treinar o tipo de exercícios que saem nas provas de aferição. Nós não podemos exigir aos nossos alunos...como é o caso nesta escola, em que temos alunos de várias nacionalidades, não podemos exigir que eles interpretem os enunciados das provas da mesma forma como interpretam as fichas que fazem na sala. Têm muita dificuldade de interpretação...e daí, voltando à pergunta anterior, não podemos pegar por aí, porque não quer dizer que eles não saibam fazer, não quer dizer que eles não saibam resolver aquele problema, porque se fosse posto de outra maneira, eles conseguiam resolver. À partida, se têm problemas de interpretação, também vão ter problemas na resolução dos exercícios, e mais implicitamente na Matemática, porque exige uma interpretação, uma descodificação e um raciocínio fora do normal, é mais complicado.

**Entrevistadora** – Em seguimento da última pergunta, procedeu realmente a alguma alteração nas suas práticas para dar resposta às provas de aferição?

**Professora C** – Sim. Vou treinando provas de aferição com eles, aquelas “provas-tipo” que eles adquiriram, fomos trabalhando assim.

**Entrevistadora** – Já falámos sobre os aspectos positivos que reconhece nas provas de aferição. Consegue expor algum aspecto negativo ou aspectos negativos associados às provas?

**Professora C** – Hum...talvez...lá está, vai ao encontro do que tinha dito anteriormente...eu acho que a pressão que é exigida, o envolvimento que é exigido aos alunos neste tipo de prova é muito grande, e aliás, toda a pressão que se sente nesse dia ou nesses dois dias em que as provas são aplicadas, acaba por assustar um bocadinho. É ter a sala de uma determinada maneira, ser obrigatório levar o Cartão de Cidadão, o não poder falar, isso tudo foge um bocadinho ao que é normal na sala de aula. Nós, no 1º Ciclo, lutamos para ter uma aula activa, para ter uma aula interactiva, e depois aquilo vai quebrar um bocado o quotidiano da sala de aula que eles estão habituados. Para mim, os aspectos negativos andam mais ou menos por aí.

**Entrevistadora** – Passando agora para uma análise sobre a avaliação interna, a avaliação externa e os papéis que desempenham, qual é a que considera mais importante?

**Professora C** – A avaliação interna, sem sombra de dúvida. A avaliação contínua, sou completamente apologista, sim. Acho que os alunos assim conseguem provar o que sabem e o professor consegue ter essa noção, dessa forma. Há vários instrumentos que nós podemos utilizar, e isso é muito importante.

**Entrevistadora** – Considera as questões e os conteúdos presentes nas provas consistentes com as práticas reais dos professores em sala de aula?

**Professora C** – Agora sim...agora sim. Agora que nós estamos mais envolvidos...hum...nós não estávamos habituados a lidar com estes novos programas que chegaram agora e que têm sido mais trabalhados...mas eu reconheço que há pessoas que tiveram muitas dificuldades em aplicar as provas de aferição aos alunos e a trabalhar com eles os exercícios-tipo das provas quando não existia muito material em torno disso. Mas nós não nos podemos esquecer que agora nós não podemos dizer que não temos recursos para trabalhar com os alunos em relação às provas de aferição, porque há muita coisa para trabalhar, há muitos exercícios-tipo, há muitas tarefas que nós fazemos e os alunos trabalham a partir daí. Nós não podemos dizer que nos falta material para trabalhar e suportes para trabalhar. A partir daí, sabemos que as

nossas práticas têm de ir ao encontro daquilo que vai ser pedido nas provas de aferição. No entanto, também temos que ter em conta as dificuldades que daí advêm.

**Entrevistadora** – Muito bem. Do que tem presenciado na escola durante este ano lectivo, que tipo de impactos é que as provas têm causado, não só na sua sala de aula, mas na escola em si?

**Professora C** – Alvorço. [Risos] Alvorço. Acho que falta encontrar uma forma de explicar aos alunos o porquê de terem que fazer aquela prova, e aos pais, porque realmente não percebem muito bem a finalidade da mesma...hum...porque às vezes os pais em casa pressionam os alunos, porque “Ah, se tiveres negativa na prova de aferição vais chumbar” e não é bem assim que as coisas acontecem. Depois, acontece o reverso do que nós pretendemos. Nós não pretendemos que eles se sintam intimidados com a prova de aferição, nós queremos que eles se sintam motivados, é como se aquilo fosse um concurso, um enigma a resolver, e é assim que eles vão ter que ver a prova. Hum...eu acho que também nós, professores, nos preocupamos um bocadinho, porque pensamos e é assim que acontece, que o nosso trabalho é espelhado nos resultados da prova, e isso está errado, não é? O nosso trabalho não é aquilo que vai aparecer na pauta.

**Entrevistadora** – Sabendo que os resultados das provas de aferição não contam, não influenciam directamente a avaliação interna dos alunos, o que é que pensa sobre isso? Acha que os resultados deveriam ter uma influência directa na avaliação interna dos alunos ou concorda com este modelo, digamos assim?

**Professora C** – Acho que devia ser um elemento de...de avaliação interna, podia contar como avaliação interna. Mas lá está, se calhar tinha que ser aplicado com outros contornos, porque são os factores externos que implicam em muito as crianças; eles são muito imaturos, eles não percebem o porquê de ser necessária aquela avaliação. Mas sim, acho que podia ser mais um elemento para avaliação, e não só uma nota que está na pauta para os pais verem, para a escola ver, para a escola ter ou não prestígio...acho que não devia ser por aí. Devíamos tirar daí mais partido, agora que trabalhamos bastante com aquele tipo de lógica.

**Entrevistadora** – Neste momento, faz alguma previsão ou como é que espera encarar os resultados dos alunos nas provas de aferição?

**Professora C** – Pois...acho que os resultados este ano vão ser muito...muito...vão ser negativos, até. Não vão ser satisfatórios, porque...nós estamos a falar de uma escola que está num meio mais complicado, mas isso não tem que servir como justificação, porque há aqui muitas crianças com muitas capacidades. Sei que vão haver muito bons resultados, mas também vão haver muito maus resultados. Vão ser resultados extremos. Eu nesta altura já posso dizer que vou ter resultados extremos. Hum...na Língua Portuguesa estou à vontade, não há qualquer problema. Eu acho não vai haver assim nenhum resultado menos bom, mas na Matemática, com estes novos programas...a turma com quem estou a trabalhar só apanhou os novos programas no 3º ano de escolaridade, portanto no ano passado, ou seja, a meio do percurso do 1º Ciclo, quando eles já tinham adquirido métodos de trabalho, métodos de estudo, uma forma de aplicar conhecimentos diferente do que aquilo que agora é exigido, e é como se tivesse havido uma quebra, e eles agora estão um bocadinho perdidos, não lidam ainda muito bem com o que é pedido nas provas de aferição, com os exercícios das provas de aferição. Por isso, acho que a nível da Matemática, acho que vão haver muitos resultados pouco satisfatórios.

**Entrevistadora** – Muito bem. Passando para a última questão da nossa entrevista, se pudesse, que sugestões daria no sentido de melhorar as provas de aferição, de uma forma geral?

**Professora C** – Sugestões....por acaso nunca pensei nisso. Não sei...eu acho que...bem, as provas de aferição são a nível nacional e nós não nos podemos esquecer que fala-se tanto na adequação das práticas pedagógicas, na diferenciação pedagógica, e acaba por não haver diferenciação pedagógica aqui, numas provas que são tão importantes. Eu tenho um caso, na minha turma, em que o aluno tem Necessidades Educativas Especiais, da alínea 3 de 2008, e ele vai fazer a prova de aferição na mesma. Ok, com algumas condições especiais, não digo que não, ele vai ser capaz de as fazer, com mais ou menos sucesso que os outros, mas eu acho que devíamos ter atenção a esses casos, porque é como se se apelasse ao insucesso de alguns alunos, porque o nome deles vai estar ali, não é? Vai estar ali espelhado o que eles conseguiram e o que não conseguiram fazer, torna-se isso público. Isso devia servir como motivação para eles e não como um factor desmotivador. Pronto...mas acho que nesse sentido devia haver atenção, uma adequação curricular, nesse sentido só.

**Entrevistadora** – Professora, muito obrigada pelo seu tempo e disponibilidade para responder a esta entrevista.

**Professora C** – Obrigada eu.